

O cineasta Michael Curtiz dirigiu diversos filmes considerados do gênero aventura. Este gênero é, no interior de toda produção cinematográfica, um dos que tem menos potencial crítico e reflexivo. Isto é devido às próprias características do gênero de aventura. Este gênero é marcado por uma história cujo herói deve realizar um objetivo e esta é a meta a ser realizada através de viagens, combates e heroísmo. Esse processo, no entanto, sempre possui brechas que podem ser utilizadas quando se pretende romper com sua estrutura conservadora e por isso existem algumas exceções no gênero aventura.

Esse é o caso dos filmes de Michael Curtiz. Curtiz foi o responsável pela produção de vários filmes de aventura, mas contribuiu no sentido de colocar reflexão na sua produção fílmica. O presente artigo visa abordar justamente esse elemento da produção fílmica de Curtiz.

Michael Curtiz, húngaro que produziu seus primeiros filmes na Europa e depois, em 1926, transferiu-se para os Estados Unidos, dirigiu vários filmes de aventura nesse país. Este é o caso do seu filme *Lobo do Mar* (EUA, 1941) baseada no romance de Jack London, que apresenta vários elementos para uma reflexão psicanalítica do Capitão Larsen. A produção de 1941 é bem superior a uma outra dentre as várias versões cinematográficas desta obra literária, tal como *A Lenda do Lobo do Mar* (Joseph Green, EUA, 2005) . Em *O Lobo do Mar*, o Capitão Larsen exerce um poder tirânico e cruel e

---

\* Professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília e Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo.



o filme mostra como sua vida miserável é a chave para entender sua personalidade e atitudes. A vida miserável é algo social, como a vida de um capitão de navio que vive no mar, com todos os limites dessa situação e que é agravado por um determinado processo histórico de vida do indivíduo em questão, gerando uma personalidade (singularidade psíquica) marcada pela violência e destrutividade.

Outro exemplo é o filme *Robin Hood* (EUA, 1938), que manifesta um certo inconformismo, pela própria natureza irreverente e ilegal do herói, embora a versão não seguiu a radicalidade da origem social do destemido ladrão dos ricos e benfeitor dos pobres<sup>1</sup>, mas mesmo assim apresenta alguns elementos que vão além da mera ação aventuresca. A oposição aos nobres e sua irreverência mostra uma posição política e social, daquele que pode se considerado um dos poucos heróis radicais<sup>2</sup> que apareceriam nas produções artísticas.

No caso do filme *Santa Fé* (EUA, 1941), que também foi traduzido como *Estrada de Santa Fé*, um filme de faroeste, é apresentada a questão da guerra entre abolicionistas e escravagistas, colocando os métodos de alguns abolicionistas – considerados equivocados, tal como o uso da violência – e apresentando a forma correta do agir político do exército, mas servindo a causa errada (escravismo). Esta dicotomia entre meios e fins marca o filme e traz a reflexão ética à tona. Os fins justificam os meios? Aqueles que possuem fins nobres usam meios condenáveis e aqueles que possuem fins condenáveis agem com meios nobres. Essa dicotomia, no entanto, é algo que somente uma análise mais profunda do filme e da questão ética poderia gerar uma explicação mais concreta. O que cabe destaque é que um filme de faroeste permite

---

<sup>1</sup> Existem várias versões sobre a origem de Robin Hood, inclusive várias teses sobre sua existência real ou não. Curtiz utiliza a versão mais famosa e conhecida, a de que era um nobre, Robert Locksley, que teria sido declarado fora-da-lei ao se opor à tirania em Nottingham. Sobre o indivíduo real, existe a hipótese, mais realista, que seria um indivíduo de origem humilde que teria se rebelado e se tornado um “bandido” que confrontava a nobreza. No entanto, segundo pesquisas historiográficas, existiram diversos foras-da-lei chamados pelo nome Robin Hood (VISSIÈRE, 2015).

<sup>2</sup> Kothe coloca que Robin Hood e Zorro (capa e espada) são alguns dos poucos “heróis de esquerda”. A expressão “heróis de esquerda” (KOTHE, S/D) nos parece problemática e por isso substituímos por “radicais”, no sentido de humanismo radical. O termo “esquerda” (VIANA, 2016) é problemático e por isso é evitado.



lançar reflexões desse tipo, o que é uma exceção, tal como se vê também nos filmes de John Ford e no chamado Western-Spaghetti (faroeste italiano).

O filme *Capitão Blood* (EUA, 1935), apresenta uma aventura de pirata que mostra o despotismo dos colonizadores e o processo de produção da pirataria pelos detentores do poder. O filme se tornou um dos mais famosos filmes de piratas e ganhou um *remake* em 1950, com direção de Gordon Douglas (*As Aventuras do Capitão Blood*, EUA, 1950). Outros exemplos poderiam ser citados, como *O Gavião do Mar*, que também é um filme de pirata e apresenta elementos interessantes, bem como mais uma dezena de filmes. Em *Anjos de Cara Suja* (EUA, 1939), a figura do *gangster* deixa de ser apresentada como um vilão cruel e se torna um ser humano que carrega uma aparência negativa. O seu grande sucesso, no entanto, foi *Casablanca* (EUA, 1942), que não é um filme de aventura.

É claro que Curtiz fez filmes de diversos outros gêneros e cabe destaque para *São Francisco de Assis* (EUA, 1961), um filme cujo tema é religião, e *Crimes do Museu* (EUA, 1933), um filme de suspense. No primeiro, temos uma obra cinematográfica que consegue mostrar a burocracia eclesiástica católica e seus interesses, bem como o conflito de valores, inicialmente entre a família e Francisco de Assis e depois entre este e a igreja católica (VIANA, 2012). No segundo, temos um filme que apresenta uma metáfora da desvalorização do ser humano numa sociedade coisificada, onde a “arte”, vale mais que os seres humanos. O seu último filme foi um faroeste, *Os Comancheiros* (EUA, 1961), lançado no mesmo ano que *São Francisco de Assis*. Também é possível observar elementos críticos nesse filme, bem como em diversos outros que não citamos.

Porém, nos filmes de aventura é mais difícil apresentar reflexão crítica e este é um mérito de Michael Curtiz. Também é certo que sua autonomia como diretor não era tão grande e, por isso, não compartilhamos com as teses que afirmam que os diretores são “autores”, o que lhe daria autonomia para produzir como quisesse. No entanto, embora ela não tenha sido um “autor”, ele foi, sem dúvida, os dos mais importantes “co-autores” dos filmes citados. Essa não-autoria talvez explique alguns de seus filmes problemáticos. Alguns filmes dirigidos por Michael Curtiz assumem um caráter



nitidamente axiológico<sup>3</sup>, tal como o musical “*Canção da Vitória*” (EUA, 1943), que é uma apologia aos Estados Unidos durante o período da guerra, apesar de ter elementos que podem ser interpretados como críticos e irônicos. Mas alguns outros filmes ficaram próximos a este. De qualquer forma, apesar de sua produção em série exigida pelo capital cinematográfico, isto não retira de Curtiz o mérito de ter dirigido vários filmes de aventura colocando e incentivando a possibilidade do público refletir criticamente sobre seu conteúdo, o que nem sempre ocorre.

### Referências

KOTHE, Flávio. *O Herói*. São Paulo: Ática, s/d.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem*. Análise e Assimilação. Porto Alegre: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. Direita e Esquerda: Duas Faces da Mesma Moeda. *Revista Posição*. Vol. 03, num. 04, Abr./Jun. de 2016. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/06viana010/432> Acessado em: 31/06/2016.

VIANA, Nildo. *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.

VISSIÈRE, Laurent. *A Verdadeira História de Robin Hood*. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/a\\_verdadeira\\_historia\\_de\\_robin\\_hood.htm](http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/a_verdadeira_historia_de_robin_hood.htm) Acessado em: 31/12/2015.

---

<sup>3</sup> Determinada configuração dos valores dominantes (VIANA, 2007), que, no caso de nossa sociedade, são valores burgueses.

